

MEMÓRIAS VIRTUAIS DA CIDADE NAS REDES SOCIAIS: AS RUAS DE PORTO ALEGRE NO FACEBOOK¹

VIRTUAL MEMOIRS OF THE CITY IN SOCIAL NETWORKS: STREETS OF PORTO ALEGRE ON FACEBOOK

Emails:
valdir.morigi@ufrgs.br
luisfernandomassoni@gmail.com
senajoce@gmail.com

Valdir Jose Morigi, Luis Fernando Herbert Massoni, Jocelaine Rodrigues de Sena

Resumo

Este artigo apresenta um estudo sobre a memória virtual da cidade de Porto Alegre a partir das informações contidas em páginas de redes sociais. Destaca o conceito de informação e sua relação na formação da memória social. Enfoca as informações sobre a cidade compartilhadas pelos cidadãos em redes sociais, o que caracteriza a construção de memórias virtuais da cidade. Analisa a página Ruas da Cidade do Facebook, parte do projeto de estudantes da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul que objetiva apresentar lugares, pessoas e histórias de Porto Alegre sob um ponto de vista cultural e histórico. Trata-se aqui de um estudo qualitativo, descritivo e documental, baseado na análise das informações contidas nas postagens da página do referido projeto Ruas da Cidade no Facebook no período de fevereiro a maio de 2015, o que compõe um corpus de 96 postagens. Identifica os relatos, lembranças e locais relacionados às ruas citadas. Conclui que as redes sociais são fonte de informação e de memórias sobre a cidade, seus enquadramentos e a relação entre os cidadãos e a cidade.

Palavras-chave: Informação. Memória Virtual. Cidade. Redes Sociais.

Abstract

It presents a study on the virtual memory of the city of Porto Alegre from the information contained in social networking pages. It highlights the concept of information and its relationship in the formation of social memory. Focuses on the information about the city shared by citizens on social networks, which characterizes the construction of virtual memories of the city. Analyzes the page Ruas da Cidade on Facebook, part of the student project at the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul aiming to show places, people and stories of Porto Alegre under a cultural and historical perspective. Qualitative, descriptive and documental study, based on analysis of the information contained in page posts the project Ruas da Cidade on Facebook from February to May 2015, which makes up a corpus of 96 posts. Identifies the reports, memories and places related to the street cited. It concludes that social networks be source of information and of memories about the city, its frameworks and the relationship between citizens and the city.

Keywords: Information. Virtual Memory. City. Social Networks.

¹ Estudo vinculado à pesquisa Porto Alegre Imaginada, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS).

1 INTRODUÇÃO

A informação possui diferentes significados, podendo materializar-se de diversas formas, seja por meio de mensagens, narrativas, discursos, sons ou imagens, derivadas de ações ou de acontecimentos cotidianos. As fontes de informação possibilitam o acesso a diferentes perspectivas sobre um mesmo tema e, na sociedade contemporânea, marcada pelos fluxos informacionais, elas são as mais variadas, dentre as quais vêm se destacando os recursos tecnológicos da web. Isso devido ao papel desempenhado por eles, especialmente o desenvolvimento dos últimos meios de comunicação, como as redes sociais. Nelas, as postagens podem ser utilizadas como fonte de informação, devido ao seu grande alcance, podendo também atuar como construtoras de memórias, por seu aspecto pessoal e colaboracionista, em que as pessoas compartilham informações através de postagens, que contém textos, fotos, vídeos, etc.

As narrativas dos sujeitos nas redes sociais, expondo recordações dos fatos e dos lugares da cidade, possibilitam estabelecer conexões entre o presente e o passado. Estudar nossa relação com a cidade é fundamental para compreendermos nossa memória, pois é onde interagimos uns com os outros e com a própria urbe. Possuímos conhecimentos sociais preservados em nossa memória, marcados pelo tempo e pelo espaço em que vivemos e dinamizados pela linguagem, fazendo-nos testemunhas dos acontecimentos que envolvem os lugares por onde circulamos. Daí a importância de refletirmos sobre os lugares a partir da percepção dos sujeitos.

Esse estudo trata das visões sobre o ambiente urbano contidas em postagens da *web*, focando na construção das memórias de Porto Alegre a partir das redes sociais. Analisamos a página *Ruas da Cidade* do *Facebook*, integrante de um projeto de estudantes da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) exibido pela Rede Brasil Sul de Televisão (RBS TV) no dia 28 de março de 2015, no programa *#PortoemFesta*, em comemoração ao aniversário de 243 anos de Porto Alegre. O projeto é pautado no conhecimento de seus integrantes sobre a história das ruas da cidade. Esses indivíduos buscaram informações, materiais e pessoas que pudessem contar as histórias das ruas, utilizando materiais pertencentes ao Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa, além de entrevistas com os moradores da cidade e representantes das comunidades locais.

Os questionamentos que inspiram a presente pesquisa são: Que lembranças sobre Porto Alegre constam nas postagens da página *Ruas da Cidade* no *Facebook*? Como elas auxiliam na construção das memórias da cidade? A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo das narrativas das postagens da página do projeto. Assim, caracterizamos a página, identificando quais as ruas citadas, as lembranças e as vivências a elas vinculadas.

2 INFORMAÇÃO E AS MEMÓRIAS DA CIDADE NAS REDES SOCIAIS

Nesse estudo, partimos dos conceitos de informação e memória, identificando as relações entre ambos, de modo a explorar as suas diferentes definições e múltiplas apropriações, bem como sua atual aplicação nos estudos em redes sociais. Dentre os diversos autores que conceituam a informação, partimos da definição de Capurro e Hjørland (2007), para os quais a

informação é entendida no sentido de conhecimento usado na linguagem cotidiana, tendo um papel importante na sociedade contemporânea. Já para Le Coadic (1996, p. 5), a informação é algo que pode ser escrito ou gravado e que possui uma carga de sentidos:

Informação é um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual. A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc. Essa inscrição é feita graças a um sistema de signos (a linguagem), signo este que é um elemento da linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação.

A essa carga de sentidos que a informação possui nós atribuímos significados, sedimentando-a em nossa memória. O processo de memorização é primordial para nossa aprendizagem, influenciando nossos processos mentais: linguagem, inteligência, escrita, criatividade, etc. As informações são retidas na nossa memória de maneira seletiva, pois não nos lembramos de tudo o que acontece durante nossa vida. Algumas informações podem ser triviais, mas podem ter importância para a nossa sobrevivência.

De acordo com Le Goff (1990), a memória é a propriedade de conservar certas informações, que se referem a um conjunto de funções psíquicas, permitindo ao indivíduo atualizar informações ou impressões do passado ou reinterpretá-las. Conforme Halbwachs (2006), a dimensão social da memória se expressa através do indivíduo que, ao lembrar, faz referência à visão do grupo social a que pertence. A memória é uma construção processual, pois parte de noções comuns vigentes no presente, que se fundam nos elementos instituídos pelos grupos sociais. Segundo o autor, a memória que pode se expressar através das lembranças do passado existe e permanece a partir da memória dos grupos sociais que se revela através das memórias individuais. Assim, a memória individual existe a partir da memória coletiva, pois as lembranças são constituídas no interior de um grupo e nele estão as origens de ideias, reflexões, sentimentos e paixões.

Halbwachs (1994) considera o tempo, o espaço e a linguagem como partes constituintes dos quadros sociais de memória. Eles servem de instrumentos da memória que auxiliam na ressignificação do passado através dos arranjos ou das combinações das lembranças individuais, que a memória coletiva se utiliza para reconstruir as representações do passado que se ajustam aos pensamentos de cada momento histórico.

Já sabemos que a concepção tradicional de memória, que a entendia como herança, pronta e acabada (geralmente hierárquica e excludente), perdeu sua força para a visão contemporânea, mais inclusiva e dinâmica, que a concebe como um fenômeno em constante transformação, motivadora de conflitos de ordem social, racial, étnica e financeira. Sob essa perspectiva, é possível pensar a memória em relação, na qual o passado pode ser recordado, mas também reinventado, a partir de cada nova situação ou novo encontro (GONDAR, 2008). A memória é então dinamizada, se transfigura de acordo com o contexto sócio-cultural e os nossos anseios, medos e desejos.

Assim, nossa história, tanto individual como coletiva, pode ser a história dos diversos sentidos presentes em suas relações, criando e recriando a memória de acordo com os novos sentidos produzidos a todo tempo pelos sujeitos sociais, sendo justamente essa polissemia a sua

riqueza (GONDAR, 2008). Produzindo diferentes sentidos na relação que estabelecemos com a memória, nós a enquadrados e a metamorfoseamos de acordo com nossa capacidade imaginária.

Em outra perspectiva, aponta Nora (1993), a memória não é espontânea, precisa ser organizada, sendo que o medo de esquecer é o que nos faz produzir meios de memória. O autor denomina de “lugares da memória” os locais responsáveis por preservá-la, que são materiais, simbólicos e funcionais. Para Abreu (1998), a cidade é um lugar de memória, uma das aderências que ligam os indivíduos, famílias e grupos sociais, fazendo com que a memória não fique perdida no tempo.

O lugar é responsável pela construção de laços identitários entre os indivíduos, pelo sentimento de pertencimento. As cidades são espaços de vida associativa, onde se formam as redes de sociabilidade, de efervescência e de vivência cultural que crescem e declinam, sempre em mudança. As pessoas as experimentam com menor ou maior grau de intensidade em seu processo de mudança e formato (COSTA; REIS, 2011), sendo a cidade o espaço público da experimentação.

Entretanto, ela não é um todo homogêneo, pois há diversas visões a respeito dos seus vários espaços de interação. Para Lynch (1960), alguns caminhos específicos da cidade podem adquirir uma relevância especial ou características específicas: concentrar um tipo especial de uso (ruas intensamente comerciais); apresentar qualidades espaciais diferenciadas (muito largo ou muito estreito); ter um tratamento intenso de vegetação; ser visível de outros pontos da cidade ou possibilitar visibilidade diferenciada desses pontos; etc.

Entendemos que alguns lugares das cidades possuem características singulares, que despertam nas pessoas sentimentos e evocam lembranças, que ficam retidas no imaginário. Esse despertar pode trazer boas ou más recordações, devido aos significados que atribuímos aos elementos do ambiente urbano. Uma rua pode ter significado diferente para cada indivíduo ou grupo social, dependendo da lembrança que evoca. Isso pode fazer com que alguns espaços da cidade sejam ou não valorizados ou preservados, tendo em vista que nossa concepção do ambiente urbano orienta nossas ações. No livro *Etnografia de Rua*, Rocha e Eckert (2013) atentam para a relevância dos sentidos e simbolismos que envolvem nossas apropriações das ruas:

As formas da vida social configuradas na objetivação do espírito carregam consigo a força dos simbolismos que as originam, das emoções que lhe são atribuídas na medida em que são vividas, elaboradas e reelaboradas. A poética da rua, portanto, refere-se aos sentidos e simbolismos que orientam as ações dos sujeitos e suas formas de adesão à rua, como espaço de sociabilidade, de trabalho, etc. (ROCHA; ECKERT, 2013, p. 15).

As ruas de uma cidade são caminhos por onde transitamos e vivemos e através dessas experiências atribuímos significados a elas, tornando-as algo mais do que apenas mais um lugar, pois evocam sentimentos e lembranças, de acordo com a experimentação que cada indivíduo faz daquela via. As ruas são os lugares de lutas e tensões onde nos reunimos para exercer a cidadania e, por esses motivos, encontram-se marcadas em nossas memórias.²

² A esse respeito, ver: SANTANA, Marco Aurélio. Memória, cidade e cidadania. In: COSTA, Icléia T.; GONDAR, Jô. (Org). **Memória e espaço**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 44-53.

Os lugares auxiliam os sujeitos a construírem suas memórias individuais e coletivas, sendo essas memórias guardadas e disseminadas por meio de diversos suportes, inclusive pelas tecnologias virtuais. A limitação do ser humano em armazenar todo tipo de saber fez com que ele criasse outros meios para armazenar as memórias e os avanços no campo das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) auxiliaram nesse processo. De acordo com Dodebei (2006), o documento se transforma em recurso informacional ao ingressar no ciberespaço, compondo o estoque de informações que forma a memória virtual da web. A autora afirma que no ciberespaço os objetos são criados, circulam, são assimilados e recriados, embora a percepção humana não consiga acompanhar esses movimentos em toda sua intensidade.

As memórias informacionais geridas em ambientes virtuais não se configuram como bancos ou bases de dados, mas como centros de conhecimento, pois ocorre uma reformatação das informações devido ao seu processamento contínuo, por estarem sempre em movimento, ocorrendo a interseção no lugar da soma (DODEBEI; GOUVEIA, 2008). Além disso, convém lembrar que a possibilidade de interações, como comentar ou compartilhar postagens em redes sociais, *blogs* e demais canais, está circunscrita pelos afetos dos sujeitos que se manifestam nesses ambientes, o que distingue mais ainda esses espaços de meros “repositórios” ou “bases de dados” e os assemelha a “lugares de memória”.

O uso cotidiano da *web* nos faz refletir sobre esses espaços como lugares de memória, responsáveis pela composição das memórias virtuais no ciberespaço. De acordo com Monteiro (2007), o ciberespaço é um mundo virtual e um espaço desterritorializado, não palpável, existindo em outra forma e realidade, em local indefinido, desconhecido e cheio de possibilidades. Monteiro, Carelli e Pickler (2006) afirmam que a memória biológica, principalmente da sociedade oral, está mais preocupada em memorizar saberes, enquanto que a memória virtual no ciberespaço está mais próxima da imaginação para uma função criativa dos saberes. Segundo as autoras, a memória nesse espaço possui algumas aproximações com a memória da sociedade oral, como os usos da linguagem (narrativa, discurso) e de imagens, porém consolidando-se como um novo tipo de memória em favor de um saber em fluxo. Em outra perspectiva, Henriques e Dodebei (2013, p. 258) entendem que as TICs, especialmente a internet,

[...] têm mudado a forma como as pessoas se relacionam com a memória. Podemos dizer que os processos de memorização e rememoração continuam os mesmos de outros tempos, mas que hoje existem ferramentas com as quais as pessoas trabalham os registros e que modificam os tempos da memória.

É interessante notarmos que, apesar das especificidades desse ambiente, há aspectos da memória biológica que também se manifestam em memórias virtuais. Um aspecto que permeia as discussões sobre memória e que também vem sendo discutido no âmbito das memórias virtuais é o esquecimento, a ausência de lembranças. Dodebei e Golveira (2008) citam a “amnésia digital” que se manifesta devido à fragilidade dos suportes de informação e a dinâmica de atualização da web, compondo um forte movimento de esquecimento no ambiente virtual. Em contrapartida, de acordo com as autoras, o excesso de lembranças compromete a criação, tornando o esquecimento tão importante quando a lembrança.

Além do lembrar e esquecer, atos próprios da dinâmica de transformação da memória, outros binômios também compõem o escopo das memórias virtuais. É o caso dos novos sentidos

que atribuímos aos âmbitos do público e do privado. Para Dodebei e Gouveia (2008), ambientes virtuais que contêm relatos e depoimentos permitem registrar as memórias individuais, tornando público aquilo que até então era apenas privado, o que autoriza a reformação das memórias, ao mesmo tempo em que permite dividir a autoria, sendo o coletivo o atributo principal que torna o ciberespaço um grande centro virtual da memória do mundo.

As memórias nos espaços virtuais são constituídas pelas contribuições de pessoas que compartilham suas concepções individuais, tornando-as coletivas, quando as distribuem em comunidades virtuais. Morigi e Massoni (2014) afirmam que essas memórias também são compostas por representações do espaço urbano, criam e recriam imaginários urbanos, sendo essa memória virtual o reflexo da dinâmica da desigualdade social e das relações de poder entre os grupos sociais em constante tensão na sociedade.

No ciberespaço, para Dodebei e Gouveia (2008), a acumulação do conhecimento se dá no domínio coletivo no qual a informação é permanentemente construída e reconstruída. Conforme as autoras, o ciberespaço é a dimensão contemporânea, uma construção humana de natureza comunicacional, articulando informação, tecnologia e memória e o principal desafio é manter o equilíbrio nas trocas entre o material e o virtual. Ele muda a natureza da memória, tanto em sua quantidade de informação e conhecimento como em sua essência.

É interessante notarmos, entretanto, que essa explosão de informações que remetem à memória oficial pode ter um efeito contrário ao esperado, provocando esquecimentos. Essa questão é levantada por Henriques e Dodebei (2013), ao afirmarem que preservamos não o que desejamos preservar, mas o que o acaso permitiu, sendo que quando registramos nossas memórias na internet, as compartilhamos com outras pessoas do círculo social, mas fica a dúvida se essa ação preserva as memórias ou apenas promove um excesso delas. Para as autoras, o uso das redes sociais modifica a forma de registro da memória:

Ao postar fotos e textos em ‘tempo real’ no Facebook, os usuários da internet estão produzindo registros e postando-os no momento exato da produção do fato. Assim, torna-se um registro sobre o momento instantâneo para um presente também instantâneo, quase como que um presente-passado e um presente-presente, que podemos chamar de atual. Essa memória do presente é uma memória efêmera e imediata, compartilhada em tempo real com seus amigos e familiares. Esta, que podemos chamar de memória compartilhada, seria uma espécie de memória imediata e, ao mesmo tempo mediada pelo espaço virtual, o ciberespaço. (HENRIQUES; DODEBEI, 2013, p. 262).

A partir disso, percebemos que, além da abrangência global que assumem as memórias compartilhadas na internet – especialmente nas redes sociais, elas também modificam a nossa própria experiência com o tempo. Desse modo, essa publicização assumida pelas memórias presentes em nossos relatos, fotos e opiniões emitidas não apenas tem o potencial de registrar o que já se passou, mas também é uma forma de tornar menos perecível o próprio presente, que se esvai por entre nossos dedos a todo momento. Ao compartilharmos nossas memórias nas redes sociais, expomos nossos medos, desejos, insatisfações e paixões, em um processo memorial que transpõe as barreiras entre passado, presente e futuro.

3 PORTO ALEGRE E SUAS RUAS NO FACEBOOK

A partir da discussão teórica a respeito do compartilhamento de informações que vão constituir parte das nossas memórias que circulam nas redes sociais, analisamos uma página do *Facebook* que trata sobre as ruas da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. As manifestações dos sujeitos, expressas através das narrativas que evocam suas recordações sobre as ruas da cidade compartilhadas no *Facebook*, permitiu identificarmos os diferentes enquadramentos que os cidadãos fazem a respeito da cidade e de seus espaços. Assim, percebemos a trama de informações de que é constituída a cidade.

O projeto escolhido é o *Ruas da Cidade*, criado por alunos de Jornalismo da PUCRS em parceria com a RBS TV. Seu intuito era apresentar lugares, pessoas e histórias desconhecidas da população, mostrando a cidade sob um ponto de vista cultural e histórico. O projeto foi baseado no conhecimento dos integrantes do grupo e, a partir disso, buscou-se materiais e informações de fontes pessoais, como moradores e representantes das comunidades locais, além de fontes institucionais, como o acervo do Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa, que contribuíram com suas histórias e documentos.

O meio de divulgação das informações sobre o projeto foi a página do *Facebook*, criada em 17 de fevereiro de 2015, com 96 postagens (de 17 de fevereiro até 11 de maio). Os recursos comunicativos utilizados na página foram fotos, vídeos, *memes*³ e textos. A descrição da página já evidencia seu caráter colaborativo e memorial: “Projeto especial sobre ruas de Porto Alegre, construído a partir da vivência e relatos de moradores comuns da cidade.” Constam na página as ruas favoritas dos participantes do projeto, seus amigos e de algumas personalidades regionais. A página foi curtida por 1006 pessoas, seus *posts* foram curtidos 1134 vezes e receberam 79 comentários e 56 compartilhamentos, obtendo uma boa repercussão entre usuários do Facebook.

Além disso, foram apresentados na página cinco vídeos sobre algumas avenidas e ruas de Porto Alegre. São vídeos com duração em torno de seis minutos, em que os estudantes da PUCRS, realizadores do projeto, narram as peculiaridades das ruas, enquanto são apresentadas imagens do local, como placas, pessoas socializando, automóveis, edifícios e mapas. A *Rua Duque de Caxias*, a *Avenida Guaíba*, a *Avenida Luis Guaranha* e a *Rua São Carlos* foram as quatro vias integrantes do programa. Abaixo descrevemos e analisamos as ruas e os acontecimentos e lembranças associados a cada uma delas.

A *Avenida Osvaldo Aranha* é apresentada no programa piloto como local de cruzamento entre passado e presente, ponto de encontro de pessoas de todas as idades e local de grandes noitadas, mas também de trabalho de muitas pessoas. Em seus 790 metros existem lugares históricos, como o *Bar Ocidente* e o *Auditório Araújo Viana* e 503 locais de comércio com alvará (como a *Lancheria do Parque*), desde funerárias até locadoras especializadas em filmes pornográficos, além do *Parque Farroupilha*.

No dia 28 de março foi exibido o programa *#PortoemFesta* na RBS TV, em comemoração aos 243 anos de Porto Alegre. Dentro dele, o projeto *Ruas da Cidade* abordou quatro vias: *Rua Duque de Caxias*, *Avenida Guaíba*, *Avenida Luis Guaranha* e *Rua São Carlos*, que foram escolhidas não por serem as ruas mais conhecidas e sim por guardarem peculiaridades que as tornam especiais.

³ *Memes* são conceitos que se espalham via *internet*, muitas vezes com caráter cômico, irônico ou humorístico.

A rua *Duque de Caxias*, nomeada em 1869, já teve outros nomes, como *Rua Formosa*, *Rua Alegre* e *Rua da Igreja*. É local de monumentos históricos e uma das lendas mais antigas de Porto Alegre faz parte dela: os túneis do *Palácio Piratini*. A rua foi mostrada como lugar de lendas, mistérios e tradições. Rua com casarões e arquitetura antiga, um trajeto com casas, palácios e prédios.

A *Avenida Guaíba*, com quase sete quilômetros de extensão, já foi um dos destinos de veraneio da população gaúcha. Uma via da cidade fragmentada por obstáculos naturais e construções irregulares. O *Lago Guaíba*, desde a década de 1960, está impróprio para banho, porém muitas pessoas o utilizam para prática de esportes náuticos e atividades físicas. Às margens do *Guaíba* há um grande incentivo à prática de esportes, através de diversos clubes náuticos.

Com cem metros de extensão, a *Avenida Luis Guaranha* não possui saída e nem canteiros centrais ou movimentação intensa. É um espaço histórico, foi a moradia do povo negro e escravizado em meados do século XIX, considerada berço do *Carnaval de Rua* da cidade. A comunidade é formada por cerca de trezentos moradores, descendentes de escravos que viviam em volta da residência do *Barão e Baronesa de Gravataí*. Apesar de estar perto de lugares movimentados, a rua possui a peculiaridade de ser um lugar calmo, onde são feitos churrascos ao som do samba. O *Carnaval* é importante para os moradores da rua, sendo que o primeiro *Rei Momo* de Porto Alegre, *Lelé*, que reinou entre 1949 e 1952, era dali.

A rua *São Carlos* possui 1 km de extensão e teve sua ascensão industrial nos anos 1970 e depois declínio pela migração das fábricas para outros lugares. Hoje representa o renascimento de Porto Alegre, com iniciativas sociais de regeneração da cidade, como o projeto *Distrito Criativo*, criado em 2013, em que artistas e comerciantes mostram seu trabalho para as pessoas do local. A rua antigamente era local de prostituição e insegurança, hoje com iniciativas como o projeto *Piano Livre*, que pode ser usado por qualquer pessoa, o lugar está se tornando ponto de cultura e lazer. A *São Carlos*, mesmo tendo um projeto de revitalização e reconstrução, ainda está no imaginário de muitos como lugar marginalizado, mas para outros, como mostrado no programa, o local é sua moradia, lugar de cultura e preservação histórica.

Além das quatro ruas acima descritas, outras foram mencionadas pelas pessoas que contribuíram na página do *Facebook*. No Quadro 1 apresentamos uma síntese dessas ruas e seus enquadramentos sob forma de características a elas atribuídas, conforme seleção e citação manifestas nas narrativas pessoais. Percebemos através do quadro que a maioria das narrativas sobre as ruas escolhidas está associada às representações sobre o passado dos cidadãos e da cidade. A nostalgia a respeito desses lugares se manifesta através das recordações do tempo de infância, da família, dos acontecimentos e das atividades como feiras e *shows* que ocorrem nos finais de semana, esporte, lazer, gastronomia, localização de algum monumento que se tornou referência na cidade. Esses espaços públicos ampliam a rede de sociabilidade, possibilitando os encontros com amigos, familiares, caminhadas e corridas e a integração pelo compartilhamento do chimarrão. Além disso, foram destacadas as áreas verdes da cidade (as velhas palmeiras resistentes ao tempo) e as calçadas de pedra.

Quadro 1 – Ruas de Porto Alegre citadas pelas pessoas na página *Ruas da Cidade*

Ruas	Características e lembranças
Avenida Osvaldo Aranha	Local para caminhar, correr ou passear pelo parque, admirando as velhas palmeiras resistentes ao tempo, ao vento e que adoçam a memória de quem escolheu POA para morar e amar.
Rua da Praia (Rua dos Andradas)	Belo calçamento de pedras e iluminação à noite, a deixando com um “jeito” de filme.
Marquês do Pombal	Arborizada, local para caminhar e com bons restaurantes.
Rua Fernando Cortez	Não foi citada por sua beleza e história, mas sim por ser o lugar onde o sujeito crescer, onde jogou futebol na calçada.
Rua Gonçalo de Carvalho	Conhecida como a rua mais bonita do mundo.
Rua Pedro Chaves Barcelos	Traz lembranças lindas, recordações, por ter vivido a infância com a família.
Rua Dinarte Ribeiro	Pequena e boa para passeios noturnos, calma, com boa comida e locais bonitos para se reunir com família e amigos.
Rua Miguel Tostes	Faz parte da história da narradora.
Avenida Dr. Carlos Barbosa	Nostálgica, lembrada por fazer parte do coração da narradora e ser o local do portão 13 do Estádio Olímpico Monumental.
Avenida Wenceslau Escobar	Rua onde mora, lugar de começos e recomeços, onde o urbano e a natureza se encontram em harmonia.
Avenida Dr. Salvador França	Avenida do Jardim Botânico, lugar de beleza e tranquilidade, para tomar chimarrão e encontrar os amigos.
Avenida da Cavallhada	Lugar onde passou a infância.
Rua da República	Local de acesso a outras ruas da Cidade Baixa, de <i>shows</i> e encontro com amigos.
Rua Vasco da Gama	A pessoa lembra de Belo Horizonte, encontra valores da cidade que escolheu e que realiza o ideal de crescer e ao mesmo tempo ser leve. Resume esse ideal citando a Feira Modelo que ocorre na rua aos sábados.
Avenida Cristóvão Colombo	Citada não por ser a favorita, mas pelo apego e por passar todo dia nela.
Avenida Edvaldo Pereira Paiva	Rua de natureza e esportes.

Fonte: dados da pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa narraram os espaços da cidade a partir das suas diferentes experiências e seus imaginários com os mesmos. Para Henriques e Dodebei (2013), as memórias registradas, inclusive na internet, associam-se a um processo ficcional, pois o relato é o que restou de lembrança e esquecimento daquilo que se passou, e não o relato exato de como tudo aconteceu.

As pessoas normalmente narram suas histórias de forma a montar um mosaico da sua própria vida. E, nesse caso, a tendência é sempre para o uso da

linearidade das lembranças dos fatos ocorridos, pois a narrativa sempre é feita no tempo presente sobre [...] um tempo passado. Nesse caso, é a visão atual do mundo que é passada na narrativa. (HENRIQUES; DODEBEI, 2013, p. 263).

A partir dessas informações compartilhadas na página do grupo, o *Facebook*, como uma espécie de “museu de si mesmo” (HENRIQUES; DODEBEI, 2013), permite que percebamos as diferentes apropriações da cidade pelos seus cidadãos. Mais do que isso, compreendemos o papel da cidade e de suas ruas na história e nos projetos de vida de muitas pessoas. Nas narrativas dos cidadãos sobre Porto Alegre, afloram diversos sentimentos: ela é o lugar para “morar e amar”, onde se “mistura o urbano e a natureza”. Seu caráter “aconchegante” agrega-lhe um charme que a deixa com “jeito de filme”, onde se localiza a suposta “rua mais bonita do mundo”. Desse modo, a cidade de Porto Alegre é composta por diversos registros que formam um mosaico que constitui o seu imaginário.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As apropriações e usos das TICs e seus dispositivos têm possibilitado um amplo compartilhamento de informações entre as pessoas. O *Facebook* é uma rede social que dinamiza as trocas de informações e auxilia na construção da memória e do imaginário social. Assim, através das redes sociais, as memórias das cidades podem ser visibilizadas, possibilitando que pessoas realizem conexões entre o seu passado e o vivido no presente.

Nesse processo, ao mesmo tempo em que se institucionalizam as representações, os sentidos sobre os espaços citadinos, através dos enquadramentos das lembranças dos cidadãos, constroem-se as memórias da cidade responsáveis pela retroalimentação dos seus imaginários. No caso desse estudo, a seleção das avenidas, ruas e acontecimentos relacionados a Porto Alegre a eleva à categoria de memórias virtuais da cidade, enquanto que outros são silenciados. Desta forma, consolida-se um tipo de memória fragmentária em favor de um saber em fluxo.

Páginas como a *Ruas da Cidade*, que une pessoas com gostos, interesses e objetivos semelhantes, podem auxiliar na construção das memórias de uma cidade. A lembrança de uma rua postada no *Facebook*, seja em um perfil pessoal ou em um grupo, adquire maior abrangência, podendo ser curtida, comentada e compartilhada por diferentes pessoas, que também atribuirão sentidos diferenciados àquele local. O compartilhamento de lembranças sobre a cidade no *Facebook* dá visibilidade e possibilita a formação de memórias dinâmicas e mutantes da cidade, como toda a memória o é.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. A. Sobre a memória das cidades. **Território**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 5-26, jan./jun. 1998.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

COSTA, M. M. M.; REIS, S. S. Espaço local, cidadania e inclusão social: perspectivas a partir das políticas públicas educacionais. **Revista Brasileira de Direito**, Passo Fundo, v. 7, n. 2, p. 104-126, jul./dez. 2011.

DODEBEI, V.; GOUVEIA, I. Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 5, out. 2008.

DODEBEI, V. Patrimônio e memória digital. **Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 2006.

GONDAR, J. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 13, 2008.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**, SP: Centauro, 2006.

HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire**, Paris: Albin Michel, 1994.

HENRIQUES, R. M. N.; DODEBEI, V. A virtualização da memória no Facebook. **CES Revista**, Juiz de Fora, v. 27, n. 1, p. 257-273, jan./dez. 2013.

LE COADIC, Y. F. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LYNCH, K. **The image of the city**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.

MORIGI, V. J.; MASSONI, L. F. H. Imaginários urbanos em rede: memória virtual no Flickr. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2014. p. 4705-4743.

MONTEIRO, S.; CARELLI, A.; PICKLER, M. E. Representação e memória no ciberespaço. Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, 2006.

MONTEIRO, S. O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, jun. 2007.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, dez. 1993.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. Apresentação. In: _____. (Org.). **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. p. 12-20.

SANTANA, M. A. Memória, cidade e cidadania. In: COSTA, I. T.; GONDAR, J. (Org.). **Memória e espaço**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 44-53.